

## **A OBRA *PEDAGOGIA DA AUTONOMIA* DE PAULO FREIRE E A PRÁTICA DOCENTE NA GEOGRAFIA: Contribuições para o Pensamento Geográfico**

**Mariana Fernandes Mendes**

Mestre em Geografia – Universidade Estadual do Ceará

[mariana.mendes@ig.com.br](mailto:mariana.mendes@ig.com.br)

### **Resumo**

O artigo propõe um exame sobre as contribuições do educador brasileiro Paulo Freire diante da prática docente em Geografia. Para tanto, analisa passo a passo a obra *Pedagogia da Autonomia* se utilizando dos temas de seus capítulos e remetendo-os numa perspectiva geográfica a partir de uma abordagem teórico-metodológica que didaticamente auxiliará o ensino do professor de geografia em sala de aula. Desse modo, este artigo consiste numa tentativa de fazer uma reflexão teórico-metodológica da prática docente do professor de geografia, enfatizando seu papel ético e estético na formação crítica de seus alunos. A geografia como uma ciência questionadora da realidade vigente e de outrora, busca uma constante renovação epistemológica, capaz de contemplar suas expectativas ideológicas revolucionárias.

**Palavras-chave:** Pedagogia; Geografia; Formação Crítica; Autonomia

### **Abstract**

PEDAGOGY OF THE WORK OF AUTONOMY Paulo Freire and TEACHING PRACTICE IN GEOGRAPHY: Contributions to the Geographical Thought

The article proposes an examination of the contributions of the Brazilian educator Paulo Freire in the face of teaching in geography. It analyzes step by step the work *Pedagogy of Autonomy* using the themes of the chapters and sending them into a geographic perspective from a theoretical and methodological approach that will help the didactic teaching of geography teacher in the classroom. Thus, this article is an attempt to make a theoretical and methodological teaching practice of geography professor, emphasizing the role in forming ethical and aesthetic criticism of their students. Geography as a science and questioning of the current reality and of the past, search a constant epistemological renewal, that have able to meet your expectations ideological revolutionaries.

**Keywords:** Pedagogy; Geography; Critical Training; Autonomy

---

“O mundo não é. O mundo está sendo”.

*Paulo Freire*

### **Introdução**

A reflexão teórica do pensamento de Paulo Freire, aqui elaborada, trata-se de uma tentativa de entrelaçar seu pensamento para com a prática e a teoria geográfica discutida e utilizada cotidianamente no ensino formal das escolas.

A prática docente de um educador progressista segundo as considerações de Freire deve estar relacionada ao arcabouço teórico-metodológico da ciência que leciona. Nesse sentido, a pedagogia progressista trás uma reflexão crítica para a sala de aula. Desta forma a Geografia não poderia deixar de estar envolvida nesse processo de ensino-aprendizagem que pretende ser democrático. Visto que esta ciência foi recentemente submetida a um processo de renovação metodológica fundamentada por conceitos que contextualizam a realidade vigente na sua totalidade. Visualizamos assim, uma abrangência de elementos oriundos do senso comum dos educandos que possibilitam um diálogo afimco entre a teoria e a prática educativa.

Sendo assim, as contribuições de Freire no despertar da autonomia do educador e dos educandos, dentro da perspectiva geográfica, se consubstancia de maneira criativa e participativa, uma vez que lida com o cotidiano e a crítica da sociedade, através de temáticas atuais que aguçam a inteligibilidade e a cognição dos educandos a partir das informações que são vivenciadas e veiculadas pela mídia, bem como desmistificadas e aproveitadas durante o processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, este artigo analisa passo a passo a obra *Pedagogia da Autonomia* se utilizando dos temas de seus capítulos e remetendo-os numa perspectiva geográfica a partir de uma abordagem teórico-metodológica que didaticamente auxiliará o ensino do professor de geografia em sala de aula.

### **Não há docência sem discência**

O texto *não há docência sem discência* refere-se ao método da prática docente, que ao ser exercido pelos educadores progressistas, como pelos conservadores levará a reflexão crítica e ao “pensar certo”.

Por se tratar de uma abordagem metodológica, nada melhor do que relacionar a geografia com seus conceitos e métodos existentes, para a teoria e prática docente em geografia.

Para Freire (2005), a formação docente deve estar dissociada do ensino bancário que consiste em depositar informações nos educandos, não os ensinando a criar e produzir seus próprios conhecimentos. Este modelo de ensino bancário está extremamente vinculado ao método positivista de Auguste Comte (1789-1857), no qual foi muito criticado pela Geografia Crítica que surgiu na década de 1970.

Freire ressalta que o educador democrático deve “aproximar” os educandos dos objetos cognoscíveis (FREIRE, 2005 p. 26). Na geografia, cresce a cada dia os estudos

relacionados à percepção e cognição ambiental. No livro “Reflexões sobre Geografia Física no Brasil” (2004) organizado por Antônio José Teixeira Guerra e Antônio Carlos Vitte, há um texto<sup>1</sup> que reflete sobre a teoria cognitivista de Piaget sobre os estudos relacionados ao meio ambiente, visando à apreensão dos problemas ambientais que existem no Brasil e no mundo para que a humanidade se sensibilize. Nas palavras de Freire, esta compreensão do que se lê, faz com que tornemo-nos sujeitos históricos. O autor sugere que o professor deve respeitar o senso comum e a capacidade criadora do educando.

Portanto, o professor de geografia tem que saber o que os alunos pensam sobre os conceitos-chave desta ciência, como: *Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar*. Para que se possa aproveitar o que os educandos já sabem de coerente e superar o erro que eles possuem sobre tais conceitos. Sendo assim, o professor de geografia estará despertando a curiosidade de seus educandos, que através de um processo de aprendizagem passará de ingênuo para a epistemológica (FREIRE, 2005 p.31).

Freire sugere que o educador associe o conteúdo lecionado à realidade dos educandos. Que seja levado em consideração suas experiências sociais, este método experimental é conhecido como empiricismo e foi criado por Francis Bacon e consiste na base da maioria dos estudos geográficos, exceto àqueles que são frutos da abstração, que por sua vez, são em minoria.

Freire (2005) afirma que a curiosidade é fruto da prática educativa progressista que desenvolve a crítica à racionalidade de um tempo tecnologicado (FREIRE, 2005 p.32). O discurso sobre a tecnologização do mundo moderno e suas conseqüências ocasionadas pela mundialização é nítido na obra de Milton Santos em “Por uma outra Globalização” (2000), cujo autor é bastante conhecido por atribuir a esse conceito a denominação de “meio técnico científico-informacional”. Santos (2000) levanta a crítica aos problemas do mundo moderno e sinaliza que podemos superá-lo no cotidiano, afirmando que uma outra globalização feita pelas classes populares é possível.

Freire (2005) atenta para o fato de que o educador não pode mudar o discurso de uma hora para outra. Ora assumindo uma postura revolucionária, ora apresentando-se como um conservador ou reacionário.

O educador ao refletir sobre o “pensar certo”, tem que levar em consideração o que é antigo e ainda é utilizado, porém, deve estar sempre se reciclando e aberto para o que é novo. Sempre mantendo uma postura crítica. Esta por sua vez, pode advir de um pensamento

---

<sup>1</sup> Capítulo 6: Percepção do Meio Ambiente

materialista histórico e dialético que foi aprimorado e desenvolvido pelo pensamento marxista. O educador crítico se utiliza destas correntes filosóficas e de muitas outras que venham complementar a compreensão da realidade contraditória e do complexo mundo científico, inclusive o da ciência geográfica. Sabendo-se que o educador por mais crítico que possa ser, por mais que busque compreender vários pensamentos, idéias e correntes filosóficas, este não possui a verdade. Por que a ciência procura a certeza na incerteza dos fatos, ou seja, a verdade se estabelece até que outra apareça. Entretanto, estas verdades podem ocorrer de maneira simultânea e não precisam necessariamente legitimar-se com a anulação de outra, como concebia o método cartesiano baseado no pensamento hipotético-dedutivo, cuja fundamentação teórica estava fundada no rigor matemático e na razão.

A constante busca dessa verdade é que move e dinamiza a ciência, daí a superação da curiosidade ingênua para atingir a epistemológica que conduz o “pensar certo”, compreendendo a estética que está inserida em nosso espaço social, bem como a ética que envolve o que sentimos por este espaço. Portanto, a ética e a estética são de fundamental importância para entender a sociedade na qual fazemos parte. Na geografia, os estudos que lidam com sentimentos, emoções e desejos sobre um determinado espaço, consistem no método fenomenológico que surgiu com a geografia humanista da década de 1970, período que também surgiu à geografia crítica que teve mais visibilidade do que esta.

Na prática docente, bem como na pesquisa, visto que ambas se complementam, o estudo que envolve as relações entre Sociedade e Natureza são de fundamental importância para entender o mundo que vivemos, e para assumirmos nossa identidade, fazendo da prática docente um constante ensaio ético e estético.

### **Ensinar não é transferir Conhecimento**

Visto que o “pensar certo” não é transferir conhecimento, porém, metodicamente não há “pensar certo”; pois o inacabamento humano permite que estejamos constantemente em busca deste “pensar”.

O inacabamento é inerente à experiência vital, mas só os homens e as mulheres podem adquirir a consciência deste ser inacabado.

A experiência humana se diferencia da vida animal por ser a única capaz de promover o *suporte* em que os outros animais a continuam. Para Freire (2005) o *suporte* é o espaço, restrito ou alongado, a que o animal se prende “afetivamente” tanto quanto para resistir; é o espaço necessário ao seu crescimento e que delimita seu domínio.

Isto implica relações de poder no *suporte*, portanto o suporte seria semelhante ao estudo sobre território, que por sua vez, foi conceituado inicialmente pelas ciências naturais com os estudos relacionados à Botânica e Zoologia. Através da etologia estudaram espécies de animais e vegetais que demarcavam seu espaço, ou seja, o território (ANDRADE, 2004). Sendo assim, a dinâmica socioespacial fez com que os estudos sobre território evoluíssem, redefinindo constantemente seu conceito que tradicionalmente esteve atrelado à legitimação do Estado, pelo viés do território-nação.

Esta insatisfação conceitual fez com que vários autores se debruçassem para defini-lo. Desde Ratzel, passando por Raffestin (1993) até Rogério Haesbart e Marcelo L. de Souza (1995) e muitos outros.

Para uma melhor explanação para o que de fato vem a ser Território, Souza (1995, p. 86) afirma que “o território é um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de suas complexidades internas, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade”.

É por isso que o conceito de território que inicialmente se restringia a vida animal e vegetal não dava conta da inteligibilidade no suporte que só pode ser obtido pela linguagem conceitual. Ou seja, somente homens e mulheres é que possuem a capacidade de modificar e interferir “sobre” e “no” *suporte*, pois possuem ética.

O *suporte* por não se tratar de um espaço vazio e por se fazer mundo e vida através da existência humana de seres éticos é por sua vez, espaço geográfico, espaço este que surge a partir da interferência direta que homens e mulheres exercem sobre o meio natural, ou seja, quando eles passam a produzir e mais efetivamente agir sobre a natureza.

À medida que cria necessidades para a obtenção de uma melhor qualidade de vida. Carlos (1997) afirma que o espaço geográfico passou a existir no período da primeira revolução do mundo conhecido como Revolução Agrícola ou Neolítica que tem como principal característica o *Homo Sapiens*.

Ao adquirir a consciência do inacabamento e dos conceitos sobre território e espaço geográfico, o professor de geografia tem que acima de tudo saber que só os seres que se tornaram éticos podem romper com a “ética”. Pois só através dessa conscientização é que compreendemos o motivo pelo qual o homem interfere negativamente sobre o espaço, preservando ou negligenciando o *suporte*. Ora, inventando a linguagem, dando nome às coisas, aos objetos. Ora, destruindo o meio ambiente e a camada de ozônio.

Portanto, os seres humanos possuem a opção de agir no mundo conforme sua natureza ética que pode ser ou não decente, em meio às possibilidades existentes e não determinantes da história. Por isso o homem inacabado é condicionado e não determinado, como propunha a

corrente de pensamento determinista geográfica, que considerava que as diferenças do ambiente físico condicionavam a diversidade cultural. Um grande geógrafo desta corrente é o alemão Friedrich Ratzel.

Segundo Luciana de L. Martins (1992), a ciência estigmatizou o Mestre Ratzel, uma vez que esta corrente “fazia parte de uma estratégia epistemológica para a afirmação da geografia enquanto disciplina na França” (MARTINS, 1992, p. 109), evidenciando a consagrada corrente possibilista de Vidal de la Blache e, por sua vez, destacando a escola francesa. Enquanto que Ratzel, (um grande autor que deu fortes contribuições à geografia, óbvio que com suas limitações em virtude do contexto histórico em que vivia), acaba por ser lembrado até hoje por leituras que reduzem o seu pensamento à estratégia Imperial Bismarckiana e a corrente determinista geográfica.

Geógrafos e muitos outros cientistas refutaram o pensamento determinista por acreditarem que a cultura age seletivamente, e não casualmente sobre o meio ambiente. Daí, o pensamento geográfico que se contrapõe ao determinismo é o possibilismo geográfico Lablachiano. Para esta corrente o meio ambiente é condição da interferência humana. Para Freire “seria irônico se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento de minha ausência na construção da própria presença”. (FREIRE, 2005 p. 53). Ou seja, a renúncia de agir com responsabilidade ética, histórica, política e social no mundo faz do ser humano um objeto no suporte e não um sujeito histórico. Freire (2005, p. 54) afirma que “minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas de quem nele se insere”.

Portanto, o ser inacabado ao se reconhecer como tal, é um sujeito inacabado num permanente processo social de busca, pois a curiosidade já faz parte do conhecimento e do processo de aprendizado. Daí, a ética de nossa esperança neste movimento de constante busca. A formação ética está acima dos conhecimentos científicos e dos conteúdos, porém, ambos são exigências para o docente. Freire exemplifica que “o educador que ensinando geografia, “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica (FREIRE, 2005 p. 56-57). Para o autor, este exemplo seria uma fatalidade no discurso neoliberal que atribui as conseqüências desastrosas à população como um fator natural, patológico e irremediável, que nada o poder público pode fazer. A formação desta “opinião pública” solidifica os interesses das classes dominantes e enfraquece a esperança.

A formação docente tem como saber a assunção da inconclusão do saber, pois não foi à educação que fez dos seres humanos educáveis, mas a consciência desta inconclusão que gerou a educabilidade. Partindo deste princípio, o educador tem que ter para com o educando, acima de tudo, respeito à sua autonomia, fazendo valer o seu exercício ético, caso contrário, transgredirá os princípios éticos de nossa existência. Por sua vez a prática docente deve ser coerente, fazendo refletir sobre o bom senso que o educador deve ter para ponderar a contradição existente entre autoridade-liberdade, e para fazer valer os seus direitos como educador para melhor cumprir seus deveres.

É nesta perspectiva que se vem à tona a garantia dos direitos para o exercício da cidadania e por assim dizer, o direito a ter direitos num mundo globalizado que nunca em toda a sua história, propagou tanto esse discurso “democratizador” no momento em que estes direitos estão cada vez mais escassos, por consequência de uma crise estrutural mundial e de um Estado, cuja falência está decretada. O assistencialismo imediatista não supre, nem sequer, um dos direitos mais essenciais ao ser humano que é a moradia com seus devidos equipamentos urbanos que fazem valer o “direito à cidade”. Henri Lefévre atenta para estas questões em suas obras *O Direito à Cidade* e seu prospectivo livro *Revolução Urbana*, que reflete sobre um modelo de sociedade heterônoma capaz de validar a satisfação de uma cidade desejada.

O discurso da fatalidade que Freire (2005) se refere existe para que a rebeldia se convalesça e caia no conformismo perante as inúmeras dificuldades causadas pelo descaso do poder público. Fazendo prevalecer à desesperança que é a negação da esperança. É por isso que o progressista ávido por melhorias tem de ser crítico, contestador e acima de tudo esperançoso. Pois só através destes elementos é que pode tornar-se revolucionário, por saber que apesar dos pesares, apesar das crises, é possível tornar o mundo melhor.

Assim ressalta Freire “O mundo não é. O mundo está sendo.” A respeito destas colocações, alguns autores e professores de Geografia, como Milton Santos, Roberto L. Corrêa, Marcelo L. de Souza, bem como o próprio Paulo Freire, afirmam que através da participação das classes populares, por meio de sindicatos, associações e organizações, que no cotidiano reivindicam seus direitos em sua cidade, bairro, rua, escola, luta por seus ideais, fazem desde já uma sociedade melhor, através da fusão de filosofias e de idéias que vão contra a homogeneização do pensamento único imposto pela classe dominante.

## Ensinar é uma especificidade humana

A competência profissional do professor é estabelecida a partir da sua autoridade docente, que por sua vez, não precisa fazer parte do seu discurso e, sim, da sua atuação em sala de aula e da sua constante busca em aprimorar sua formação para melhor coordenar as atividades pedagógicas.

Desta forma, a autoridade está relacionada com a liberdade, através da generosidade do educador, pois este, não deve ser rígido e arrogante para com os educandos. Portanto, a autoridade coerentemente democrática é fruto da *eticidade* do educador que com a humildade de suas ações faz com que os educandos exercitem sua liberdade para a prática da autonomia.

Segundo Freire (2005),

O papel da autoridade democrática não é, transformando a existência humana num 'calendário' escolar 'tradicional', marcar as lições de vida para as liberdades mas, mesmo quando tem um conteúdo programático a propor, deixar claro, com seu testemunho, que o fundamental no aprendizado do conteúdo é a construção da responsabilidade da liberdade que se assume. (FREIRE 2005, p. 94)

A ética da prática docente também diz respeito ao compromisso e a honestidade do educador em relação ao conteúdo, pois o professor deve estar em constante auto-avaliação, pois está submetido à percepção e questionamento dos alunos, tendo em vista a fácil veiculação das informações disponibilizadas pela mídia. No entanto, cabe ao educador despertar em seus alunos o discernimento destas notícias que muitas vezes passam por um crivo ideológico e deturpador da realidade. Sendo assim, a Geografia consiste numa ciência que lida com os processos que permeiam a atualidade a partir dos fenômenos que no decorrer da história foram desencadeados pela globalização.

Portanto, cabe ao professor de geografia estar concatenado aos acontecimentos que ocorrem a nível local, no Brasil e no mundo com o intuito de melhor esclarecer os problemas que envolvem as temáticas relacionadas à natureza e a sociedade de uma maneira abrangente e crítica. Visto que a geografia não mais utiliza à memorização dos lugares como propunha o método pragmático do conhecimento.

É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar (FREIRE 2005, p. 118)



É por isso que o espaço pedagógico não deve ser neutro, reacionário, caso contrário, a escola servirá apenas de um instrumento da ideologia dominante que formará alunos para práticas apolíticas e cidadãos acríticos. Logo, o professor de geografia tem que ter a capacidade de lutar por uma sociedade mais justa e autônoma.

Contudo, a educação não pode se restringir somente ao desmascaramento da ideologia dominante, como também não pode legitimar sua reprodução. Este último consiste em um dos grandes obstáculos e desafios que o geógrafo continua a enfrentar, visto que o papel exercido por muitos profissionais em geografia que atuam em órgãos estatais e ONG's, através de consultorias. Desta forma, agem em consonância com as empresas privadas que arbitrariamente manipulam leis para efetivar suas ações ferindo os interesses sociais coletivos com a conivência do poder público. Portanto, a atuação do geógrafo, sobretudo, do professor em geografia que age junto aos interesses de um grupo ou classes que sob a lógica do mercado interferem, mesmo que discursivamente, de forma tendenciosa ao capital, são estes, transgressores da ética.

A contrapartida desta precária e subalterna atuação é quando o profissional de qualquer área que seja tenha consciência de seu papel transformador e questionador, que luta por uma sociedade humanamente emancipatória, cujos seres sociais possam ter acesso a uma vida mais justa e menos segregadora para a prática e o exercício da cidadania.

O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente. O discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo mesmo que modificada, da medonha malvadez com que o capitalismo aparece na História. (FREIRE 2005, p. 128)

É por isso que o professor em geografia ao exercer sua autoridade democrática, atualizando-se dos conteúdos, lutando por justiça e estando afetivamente envolvido com a profissão é por sua vez, um educador da vida, um generoso professor, um humilde sonhador, e um conquistador da autonomia...

### **Para não concluir...**

A obra *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire foi publicada pela primeira vez em 1996 com o intuito de fazer uma reflexão sobre a prática docente. Este ensaio conquistou o

universo acadêmico e escolar, projetando-se para além do saber pedagógico, despertou o interesse dos professores das mais diversas áreas do conhecimento.

Desse modo, este artigo consiste numa tentativa de fazer uma reflexão teórico-metodológica da prática docente do professor de geografia, enfatizando seu papel ético e estético na formação crítica de seus alunos. A geografia como uma ciência questionadora da realidade vigente e de outrora, busca uma constante renovação epistemológica, capaz de contemplar suas expectativas ideológicas revolucionárias.

Nesse sentido, as fontes geográficas de autores críticos foram articuladas ao pensamento freiriano, objetivando fomentar a relação entre professor-aluno através do ensino-aprendizagem, cujo esforço trata-se da busca pela autonomia. Esta busca, por sua vez, não se limita à sala de aula, pois esta consiste apenas no laboratório para a realização da transformação social.

### Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Manuel Corrêa. de. *A Questão Territorial no Brasil*. 2ªed. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- CARLOS, A.F.A. *A Cidade*. 3ªed. São Paulo: Editora Contexto, 1997
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31ª edição. São Paulo: Paz e terra, 2005.
- GUERRA, A. J. T. VITTE, A. C. (orgs.). *Reflexões sobre geografia física no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004
- HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- LEFÉBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A Revolução Urbana*. Belo horizonte. 2ªed. Editora: UFMG, 1999
- MARTINS, Luciana de Lima. FRIDRICH RATZEL HOJE: a alteridade de uma geografia. In: NEVES, Margarida de Souza (org.) *“Tempo, memória e história”*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo, Ática, 1993.
- SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro, Bertrand, 2001.